

Referências bibliográficas

AIRES, L. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Universidade Aberta, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/2028>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **DSM-V Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre, Artmed, 2014. 5ª edição.

AMARANTE, P. (Org.). **Ensaio**: subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGA, L.; ROSSI, L.; COLE, M. Criar uma idiocultura para promover o desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 133-143, 2010.

_____; MORETTO, A. L. Empowering pré-adolescentes with ABI through metacognition: Preliminary results of a randomized clinical trial. **NeuroRehabilitation**, n. 30, p. 205-212, 2012.

_____; PAZ JUNIOR, A. C. **Método SARAH**: reabilitação baseada na família e no contexto da criança com lesão cerebral. São Paulo: Editora Santos, 2008.

BRASIL. Poder Executivo. Lei nº 13146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 6 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Novo Mais Educação**. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

BRASIL. **Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência** – Decreto Lei Nº 3.298, regulamenta a Lei Nº 7.853/89. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em jan.2016.

BRASIL. MEC. **Resolução CNE/CEB N.º2/2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica**. Disponível em: portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB2001.pdf. Acesso em jan. 2016.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CAVALCANTE, F. G. **Pessoas muito especiais**: a construção social do portador de deficiência e a reinvenção da família. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

COLE, M. Psicologia sócio-histórico-cultural: algumas considerações gerais e uma proposta para um novo tipo de metodologia genético-cultural. In: WERTSCH, J.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

COLE, M. Cultural Psychology. Psicología cultural. Una disciplina del pasado y del future. Segunda edición. Ediciones Morata, S,L. Madrid, 2003.b

_____; ENGESTRÖM, Y., A cultural-historical approach to distributed cognition. In: SALOMON, G. **Distributed cognitions: psychological and educational considerations**. U.K.: Cambridge University Press, 2003.

_____. Cross-Cultural and Historical Perspectives on the Developmental Consequences of Education. **Human Development**, n. 48, p. 195-216, 2005.

_____; DERRY, J. We have met technology and it is us. In: STERNBERG, R. J.; PREISS, D. **Intelligence and technology: the impact of tools on the nature and development of human abilities**. Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 209-227.

COLE, M. **The Fifth Dimension: an after-school program built on diversity**. The Distributed Literacy Consortium. New York: Russel Sage Foundation, 2006.

_____; HAKKARAINEN, P.; BREDIKYTE, M. **Contexto cultural e aprendizagem na primeira infância: enciclopédia sobre Desenvolvimento na Primeira Infância**. CEECD/SKC-ECD, 2013.

CUBERO, M. J. L. Aprendizaje colaborativo em comunidades de prática em entornos de exclusión social. Um análisis de las interacciones. **Revista de Educación**, n. 362, sep./dic. 2013.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**, 11. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

CUNHA, L. A. **Educação e democracia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1991.

DRAIBE, S. A política no período FHC e o sistema de proteção social. **Tempo Social**, USP, nov. 2003.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

_____. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba: Editora UFRJ, n. 24, p. 213-225, 2004.

EISENBERG, Z. W. Entrevista com Michael Cole por meio de videoconferência, 2015.

FÁVERO, E. A. G. **Direitos das pessoas com deficiência: garantias de igualdade na diversidade**. Rio de Janeiro: WVA Ed., 2004.

FERREIRA, I. N. **Caminhos do aprender: uma alternativa educacional para a criança portadora de deficiência mental**. Brasília: Coordenação Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1993.

FERREIRA, T. (Org.). **A criança e a saúde mental: enlaces entre a clínica e a política**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004.

FINO NOGUEIRA, C. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.

FIDALGO, Z. Psicologia cultural e desenvolvimento humano: um encontro com Barbara Rogoff. **Psicológica**, Lisboa, v. 22 n. 1, mar. 2004.

FLYNN, R. J.; LEMAY, R. Normatization and social role valorization at a quarter-century: evolution, impact, and renewal. In: A QUARTER-CENTURY of Normatization and Social Role Valorization, Evolution and Impact. Ottawa, Canadá: University of Ottawa Press, 1999.

FONSECA, M. Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 29, n. 78, maio/ago. 2009.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008. (Série Pesquisa, 6).

GÓMEZ, A. J. V. Accesibilidad e inclusión educativa em contextos de Educación Especial. **Anuário Flor de Ceibo**, Uruguay, n. 6, 2013.

INEP. **Caderno de Instruções**. Censo escolar, 2017,p.70. Disponível em: inep.gov.br/educaçao_basica/censo_escolar/caderno_de_instrucoes/censo_escolar_2017.pdf. Acesso em: junho de 2017.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

KASSAR, M. C. M. Educação especial no Brasil: desigualdades e desafios no reconhecimento da diversidade. **Educ. Soc.**, v. 33, n. 120, jul./set. 2012.

_____; JANNUZZI, G. S. M.; REBELO, A. S. **Constituição da Educação Especial como Política Pública no Brasil (1958-1985)**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação, Campus Pantanal/Corumbá-MS. Mimeo.

KHOL, M. **Lev Vygotsky coleção grandes educadores no Youtube**. Publicado em: 29 mar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KwnIKDXeEdI>. Acesso em: 10 maio 2016.

LALUEZA, J. L. I. et al. Intervención psicopedagógica em comunidades minoritárias. In: MONERO, C. (Ed.) **La práctica psicopedagógica en educación no formal**. Barcelona: EDIUOC, 2004.

LIBÂNIO, J. C.; FREITAS, R. A. M. da M. **Vygotsky, Leontiev, Davydov**: três aportes teóricos para a Teoria Histórico-Cultural e suas contribuições para a didática. UCG, s/d.

LIMONTA ROSA, S. V.; SYLVIO, M. C. Teoria histórico-cultural e teoria do ensino desenvolvimental: bases para uma epistemologia psicológico-didática do ensino. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 419-448, maio/ago. 2016.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: EDUC, 2013.

MANNONI, M. **A criança retardada e a mãe**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MANTOAN, M. T. E. **A educação especial no Brasil:** da exclusão à inclusão escolar. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta.1.3>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MENDONÇA, A. W. P. C. et al. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos 1950/1960. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: _____; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos:** abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 19-51.

MOREIRA, Camila. Marcos históricos e legais da Educação Especial no Brasil. **JusBrasil**, Artigos, 5 ago. 2013. Disponível em: <<http://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821610>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

ONU, **Carta para o Terceiro Milênio.** Assembleia Governativa da REHABILITATION INTERNATIONAL, 1999 (Disponível em: <www.ampid.org.br/ampid/DocsPD/Convencoes_UNU_PD.php#guatemala>. Acesso em: 12 ago. 2016).

_____, **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** (CDPC), Nova York, 2007. Regulamentada no Brasil pelo DECRETO Nº6.949 de 25 de agosto de 2009. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em ago.2016.

_____, **Declaração de Salamanca.** Princípios, Política e Prática em Educação Especial. Ano 1994 (Disponível em: <www.ampid.org.br/ampid/DocsPD/Convencoes_UNU_PD.php#guatemala>. Acesso em: 12 ago. 2016).

_____, **Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes.** Resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 9 dez. 1975. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/decdef.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

_____, **Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência.**1993 Resolução nº 48/96 de 20/12/93. Disponível em: www.ampid.org.br/Docs_PD/Convencoes_UNU_PD.php#normas1. Acesso em: maio.2016.

_____, **Programa de Ação Mundial para as pessoas com Deficiência.** Resolução 37/52, de 3 de dezembro de 1982. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-dos-Portadores-de-Deficiencia/programa-de-acao-mundial-para-as-pessoas-deficientes.html>>. Acesso em: 6 nov. 2016).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde:** 10ª revisão. (CID–10). Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português, Universidade de São Paulo, edusp, 1996.

_____. **Declaração de Montreal sobre a Deficiência Intelectual.** Montreal, Canadá, 2004. Disponível em: <<http://www.apaebrasil.org.br>>. Acesso em: 12 fev. 2007.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Declaração da Década pelos direitos e pela dignidade das pessoas com deficiência (2006-2016)**. Disponível em: <<http://www.apaebrasil.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2007.

PAPALEONTIOU-LOUCA, E. **Metacognition and Theory of Mind**. Cambridge: Scholars Publishing, 2008. Disponível em: <http://www.cambridgescholars.com/download/sample/59586>.

PAULON, S. M. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaeinclusao.pdf

PIRES, N. **Educação especial em foco**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1974.

REHABILITATION INTERNATIONAL. Assembleia Governativa. **Carta para o Terceiro Milênio**, Londres, Grã-Bretanha, 1999. Disponível em: <<http://www.apaebrasil.org.br>>. Acesso em: 12 fev. 2007.

RIBEIRO, L. **Pensamento e linguagem nas teorias histórico-cultural e sociocultural**: contribuições para o ensino da língua materna. 2011. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. **Lei nº 4866, de 2 de julho de 2008**. Plano Municipal de Educação. Disponível em: <<http://www.rioeduca.net>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

ROSSI, L. S. P. A. **Intervenção Social e neuroreabilitação de adolescentes com lesão cerebral**: um estudo exploratório em torno da rede social 5DNet da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SACKS, O. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, M. R. Programa de Municipalização da Educação Especial: Desafio de Educação para Todos passa pela integração do aluno com deficiência. **Revista IntegrAÇÃO**, Ministério de Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 7, n. 19, p. 6-8, 1997.

SARMENTO, J. O estudo de caso etnográfico em Educação. In: ZAGO, N. et al. **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, W. M. R. (Org.) **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SFORNI, M. S. F. Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação. In: CAPELLINI, V. L. F.; MANZONI, R. (Org.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem**: diferentes olhares sobre o processo educacional. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cursosobjetosaprendizagem/sform_mediacao.pdf>. Acesso em: 8 maio 2016.

_____. Interação entre Didática e Teoria Histórico-Cultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 375-397, 2015.

SILVA, M. V. O. (Coord.). **Psicologia e direitos humanos**: subjetividade e exclusão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, A. N.; PILANGUY, J. (Org.). **Saúde, corpo e sociedade**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.

UNICEF, **Relatório: Situação da Infância e da Adolescência Brasileira 2009. O Direito de Aprender**: Potencializar Avanços e Reduzir Desigualdades, uma análise sobre o direito de aprender no Brasil. Disponível em: www.unicef.org/sitan/files/BRAZIL_SitAn_2009_The_Right_to_Learn.pdf. Acesso em maio.2016.

VELTRONE, A. A.; MENDES, E. G. Impacto da mudança de nomenclatura de deficiência mental para deficiência intelectual. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 3, n. 2, p. 448-450, jul./dez. 2012.

7 Anexos

Anexo 1

Email com Roteiro da entrevista

Enviada em: quarta-feira, 18 de novembro de 2015 14:57

Para: Luciana Rossi

Assunto: ROTEIRO DE ENTREVISTA PUC RIO

Boa tarde Luciana,
Conforme combinamos, segue o roteiro da entrevista. Aproveito a oportunidade para colocar que tenho disponibilidade para ir à Brasília tanto para entrevistá-la, quanto para visitar o programa. Poderemos agendar também, em um primeiro momento, a entrevista por Skype.

Recursos Humanos – BSB – Visita <rh.visita@sarah.br> 18 de abr

Bom dia Lilian,

Confirmamos sua visita para o dia 26/4/2016, as 10h. Segue abaixo o cronograma. Nos horários em que não há programação não é necessário que você compareça ao hospital.

Data	Horário	Atividade	Unidade
26/04	10h	Visita Guiada ao Hospital	SARAH Centro
	14h-18h	Participação nas atividades da MCD	SARAH Lago
27/04	14h-18h	Participação nas atividades da MCD	SARAH Lago
28/04	14h-18h	Participação nas atividades da MCD	SARAH Lago
29/04	14h-17h	Participação nas atividades da MCD	SARAH Lago
	17h-18h	Reunião de fechamento	SARAH Lago

Nossos endereços são:

SARAH Centro: SMHS Quadra 301 – Ed. Pioneiras Sociais – Próximo à Rua das Farmácias.

SARAH Lago: SHIN QL 13 Área Especial C – Lago Norte/DF



DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que Lilian de Souza Cavalcante participou de Programa de Capacitação na área de Psicopedagogia do Hospital SARAH/Brasília, acompanhando as atividades do projeto Dimensão Metacognitiva, no período de 26 a 29 de abril de 2016, com carga horária de 17 horas. O Programa de Capacitação por área caracteriza-se pelo desenvolvimento de atividades observacionais, que proporcionam o intercâmbio de informações, conhecimentos e experiências compatíveis com a área de atuação da Rede SARAH, de acordo com o programa abaixo.

Programa	Carga horária
Recepção e Visita Guiada na Unidade SARAH Centro	1h
Acompanhamento de atividades da Dimensão Metacognitiva	16h

Brasília-DF, 2 de maio de 2016.


Mariana Marques dos Santos
Área de Gestão de Recursos Humanos

Anexo 2

Transcrição da entrevista concedida por Michael Cole a Zena Eisenberg em novembro de 2015.

Transcrição do Áudio

Zena: Verdade.

Mike: Foi tipo. Que seja, não dava para imaginar smartphones, não dava para imaginar o twitter, quer dizer, todas essas coisas de mídia social. Isso. Então... Mas no começo eu realmente estava mais ligado ao nosso interesse de longo prazo, que era em educação no setor informal. Ainda se fala disso hoje, mas foi muito falado na época. A dificuldade especialmente de crianças de famílias mais pobres que necessitam de mais tempo de ensino, mais tempo para as tarefas. Então pensamos, "bem, e se conseguirmos deixar as crianças realmente intrigadas com a coisa do computador? Se conseguirmos deixar as crianças intrigadas com a coisa do computador, então conseguiremos trabalhar depois da aula." Então elas viriam voluntariamente, o que é muito importante para nós, por razões metodológicas, quando estamos fazendo psicodiagnóstico ...Que... Seria um ótimo lugar para a pesquisa; poderíamos organizar as atividades da forma que quiséssemos, basicamente ... Além do fato de que não podíamos machucar as crianças, não tínhamos quaisquer regras nacionais quanto ao currículo. E, potencialmente, na verdade, poderíamos fazer coisas que iriam ajudar as crianças, o que sempre foi um interesse. *Desde muito cedo descobrimos que fazer os graduandos participarem foi um recurso muito útil, se não essencial para o que fizemos. Em parte devido à proporção reduzida, dá para criar pequenos grupos e pares e grupos de tamanhos de diferentes de crianças ao mesmo tempo, mas também em parte porque os graduandos tinham uma idade mais próxima, de forma que conseguiam ter um tipo de relação social com as crianças diferente da que nós tínhamos, e também porque naquela época os graduandos tinham pavor de computador, então isso baixou... nivelou o campo de atuação com as crianças. Então foi tudo bastante interessante. Foi assim que começou.*

Zena: Certo. Então as tecnologias foram utilizadas como mediadores, certo? A ideia era que o computador mediasse a...

Mike: *Sempre. Isso. Então, havia certos ícones que éramos contra. Quer dizer, um era uma imagem de uma única criança sentada em uma única... ou uma sala de aula com um computador em cada mesa voltados para um professor. Há muitos símbolos na publicidade e coisas assim. O outro era que você conversa com um computador. O que realmente enfatizávamos era que... com o computador parte era uma ilusão de que aquilo era uma conversa através de um computador com alguma parte de seu histórico, há outras pessoas do outro lado, elas só podem não estar visíveis no momento. Então realmente os encarávamos como uma nova forma de mediação. Sim. Assim, voltamos à sua pergunta sobre Vygotsky, algo assim. Nós estávamos pensando.... Nós estávamos desde o início sempre pensando em ação mediada... quais seriam as atividades e como elas eram mediadas. E... Então sempre pensamos em computadores como meios. É bom lembrar que, um pouco antes disso, eu me mudei para a Universidade da Califórnia em San Diego e me tornei chefe do Programa de Comunicação, que se tornou o Departamento de Comunicação. Então eu via a comunicação como esta plataforma excelente a partir da qual poderíamos buscar teorias de mediação da mente e do desenvolvimento.*

Zena [rindo]: Traduza para o inglês...

Mike: A pergunta tem duas partes. Uma parte é: ok, então você tinha um teclado, era tudo alfanumérico, havia símbolos... imagens, vídeo, nada disso estava lá. Então, o que mudou agora que as tecnologias e as tecnologias digitais passaram por esse enorme período de rápida mudança? Elas estão mais difundidas, e não é que apenas mais pessoas as tenham, mas as pessoas as usam de uma forma muito mais abrangente... Essa é a primeira parte da pergunta. E a segunda parte é a parte dos novos paradigmas. *Parto do princípio de que o que você está falando é que em 19... digamos que 81, quando a informatização começou, quando nosso trabalho começou ... perto da informatização ... na verdade começamos um pouco mais cedo, mas 81 é um bom ano, porque esse foi o ano em que começamos o Quinta Dimensão. Então esse era o principal paradigma. Primeiramente, neste estudo sobre educação, apenas gostaria de dizer que a ciência cognitiva estava começando a aparecer, iniciando... sua relação com a educação era presumida, não demonstrada. Piaget ainda estava muito em voga. As pessoas estavam começando... o boom de Vygotsky estava começando. Então tinha isso. E, além disso, havia as outras ideias de que você fala: cognição distribuída, cognição incorporada...*

Zena: Sim, nós gostaríamos que você falasse sobre isso também.

Mike: Certo. Assim... Quer dizer, todas essas coisas... todas essas coisas obviamente, do meu ponto de vista, todas essas coisas eram bastante interessantes. Eu vejo todas elas como parte de um único... em alguns níveis, como parte de um único impulso. Então como é que as coisas mudam? Bem, você sabe... Quanto mais a coisa muda, mais ela permanece igual. Assim... Mudou, por exemplo ... como mudou o Quinta Dimensão? Bem, o que é interessante, porque não tínhamos como prever... *Nossa ideia ao fazer o Quinta Dimensão foi, em primeiro lugar, projetar algo que parecia realmente funcionar e, depois, em segundo lugar, tentar sustentar essas atividades. Na parte da sustentação das atividades, tivemos que lidar com o fato de que as tecnologias foram mudando em um ritmo muito rápido. E uma das coisas que isso fez com o Quinta Dimensão foi que... o Quinta Dimensão sempre foi um sistema de semi-controle. Não controle total, não tinha tudo prescrito, mas ainda assim havia regras, era uma mini-sociedade com regras e normas e tudo mais, mas tínhamos um controle muito bom sobre ele, porque tínhamos jogos nos computadores e se as crianças usassem o que estava se tornando... o que se tornou a internet, havia bastante conversa com o "mago". Isso acabou sendo extremamente útil (o personagem do mago) de diversas formas, mas era isso!* Agora você coloca uma criança sentada em frente ao computador e se você não quiser uma pessoa sentada com ela ou algum tipo de controle tecnológico, a criança pode entrar em qualquer site do mundo e isso cria um pânico enorme entre os adultos. E, além disso, se você estiver interessado em tentar estudar coisas que estão relacionadas de alguma forma com o desenvolvimento intelectual, você provavelmente não quer ter que justificar o fato de passar tardes com crianças. Você sabe, vendo luta livre internacional, ou vendo meninas sem roupa ou vendo o que quer que as pessoas gostem de ver. Assim, esta abertura tem criado uma série de desafios, porque você não quer se colocar na posição de dizer às crianças o que elas não podem fazer, fazendo com que elas se sintam como se estivessem presas. Por outro lado, nem valeria a pena, porque se há algo que as crianças não podem fazer, eles desligam a coisa toda e vão embora e tudo se perde. Então eu acho que o que você vê é uma mudança em... um nível de design social que as atividades em que nos envolvemos não mudaram em particular. Ou seja, temos cursos na universidade, e pode... quase qualquer departamento pode fazer o curso. Para os cursos que eu ministro, um é relativo a mediação e desenvolvimento ou algo assim, mas os estudantes saíam e ou... nós participávamos do Quinta Dimensão ou de algum tipo de atividade com crianças. Poderia ser em uma aula bilíngue, em uma aula de espanhol, poderia ter a ver com língua... poderia ter a ver com absolutamente qualquer coisa em que desse para fazer isso, tematizando dependendo dos interesses das pessoas que estão envolvidas. Dito isto, eu esqueci qual era a primeira parte da pergunta.

Mike: *O original era em Brasília. E lá... bem! E para mim, acho que é uma apropriação incrível do Quinta Dimensão. O Hospital Sarah como uma organização é totalmente incrível. Entenda: não é fácil para pessoas de fora trabalhar nisso porque tem sua própria lógica de levantamento de dinheiro e de fazer as coisas. Mas, para mim, é totalmente surpreendente que eles tenham se apropriado do Quinta Dimensão e ele esteja se espalhando por aí. Eu penso "uaaaaau".*

Zena: Ah, sim. Bem, uma aluna nossa ficou muito, muito impressionada com o programa porque ela...

Mike: *Ah, sim, é fantástico. Quer dizer... E é um ótimo programa vygotkiano, porque você ... nós inicialmente achávamos que o que faríamos seria dar intensa prática em certos tipos de coisas que poderiam, de fato, levar a mudanças cerebrais. Isso teria o efeito essencialmente de cultura afetando a biologia. O que houve de realmente grande foi que houve mudanças nas relações sociais que mudaram a noção que as crianças tinham de si quanto à eficácia e gerenciamento delas mesmas e mudaram a ideia que os pais tinham delas, então há esse círculo virtuoso e não custa muito dinheiro. É um milagre, praticamente. Então, eu adoraria ver se alguém lá, talvez a aluna de vocês, escreveria um artigo sobre a propagação do Quinta Dimensão no Hospital Sarah. Nós publicaríamos isso em um piscar de olhos.*

Zena: Ok. Eu vou ver isso. Estamos tentando ainda conseguir fazer uma visita lá porque ainda não visitamos e gostaríamos de ver como o programa funciona.

Mike: *Claro. Bem, eu não posso dizer nada sobre o Rio. Eu vi em Brasília, que é, com certeza, fisicamente um dos mais incríveis... o hospital deles é como...Eu nem sei o que é. É tipo Qatar ou algo assim. Eu só pensava "uaaaaau". Loucura! Sabe? Mas foi absolutamente maravilhoso quando eu estava lá e vi o que estava acontecendo com as crianças. Então essa é uma aplicação muito interessante do Quinta Dimensão. E há boas ideias vygotkianas lá. Porque eles estão buscando os sintomas secundários de uma forma muito produtiva. Vygotsky escreve sobre isso, mas quase ninguém o faz. Então, é ótimo que você tenha essa combinação. Então, mantenha contato, eu tenho que ir. Eu tenho um compromisso ...*

8 Apêndices

Apêndice I

ROTEIRO DE ENTREVISTA SARAH

(Entrevista a ser realizada com Luciana Rossi, coordenadora do Programa Dimensão Metacognitiva na Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, por Lílian Cavalcante)

Considerando nossa conversa prévia em que você colocou que foram realizadas mudanças no 5D para o Sarah, perguntamos:

1) Que tipo de mudança vocês fizeram para adaptar o 5D às necessidades do trabalho de vocês no Sarah? A dimensão metacognitiva é um desdobramento do 5D? ou é um outro projeto, com uma outra metodologia, inspirado no 5D? Nesse caso, quais são as principais diferenças?

(O que as motivou a realizar essas mudanças no 5D?)

2) Sei que vocês têm monitores e que eles são muito importantes para o desenvolvimento do projeto. Como os monitores e estagiários são selecionados? Para além de serem estudantes de pedagogia e psicologia, tem um perfil que vocês buscam nessa seleção? (Esperam algum tipo de formação prévia?).

3) Como eles atuam dentro do projeto?

4) Como é feito treinamento dos estagiários e monitores? Como é feito o acompanhamento da atuação deles? (Tem uma supervisão, tem encontros regulares, tem reuniões de avaliação?)

5) Qual é a diferença entre o trabalho dos monitores e dos estagiários? Como você analisa a atuação desses mediadores em relação aos resultados obtidos?

Gostaria de poder observar a atuação dos monitores e de entrevistá-los, tendo em vista nosso interesse em compreender melhor a metodologia que vocês utilizam e o papel dos mediadores. Como sou diretora de escola pública e psicóloga, gostaria de saber se é possível adotar ou criar uma metodologia semelhante a essa para favorecer a inclusão de crianças com deficiência intelectual na escola pública.

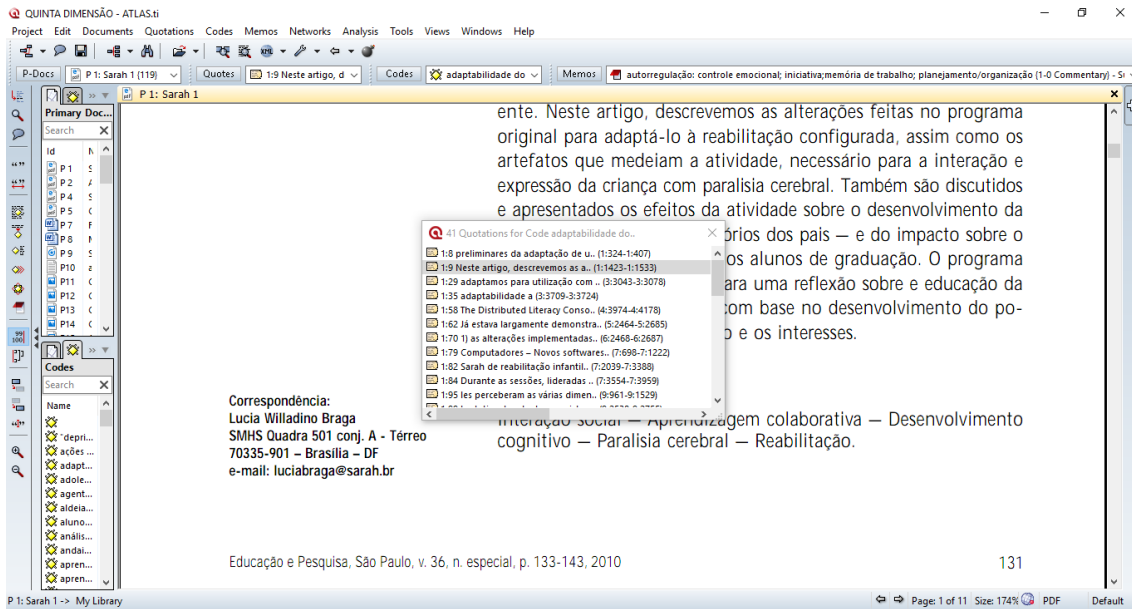
Apêndice II

Lista de códigos criados no procedimento de pré análise com a utilização da ferramenta Atlas ti

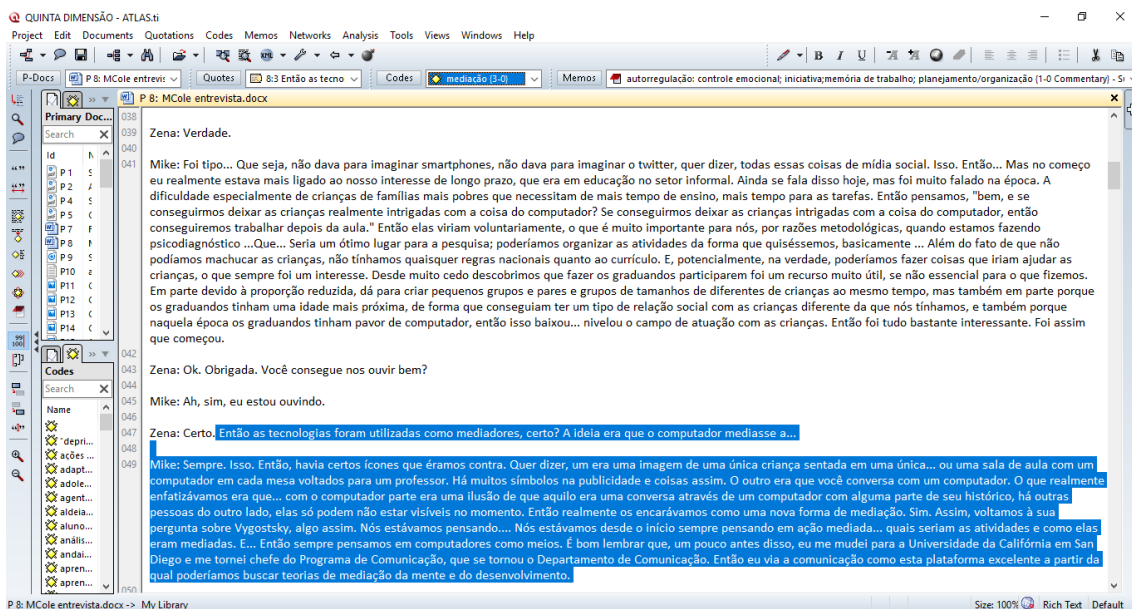
- 1) Ações compensatórias;
- 2) Adaptabilidade do programa;
- 3) Adolescentes;
- 4) Agentes locais;
- 5) Aldeia global;
- 6) Alunos de graduação;
- 7) Análise de práticas;
- 8) Andaime;
- 9) Aprendiz;
- 10) Aprendizagem afetiva;
- 11) Aprendizagem colaborativa;
- 12) Artefatos mediadores da atividade;
- 13) Atividade;
- 14) Comunidade de prática;
- 15) Contexto;
- 16) Dimensão Metacognitiva;
- 17) Discussões clínicas/estudo de casos;
- 18) Distribuição de tarefas;
- 19) Diversidade cultural;
- 20) Educadores e coordenadores;
- 21) Efeitos sociais e cognitivos;
- 22) Elementos motivacionais e afetivos;
- 23) Habilidades cognitivas/desenvolvimento intelectual;
- 24) Idiocultura;
- 25) Inclusão;
- 26) Interação cultural;
- 27) Interação na tarefa;
- 28) Interação social;
- 29) Intervenção psicopedagógica;
- 30) Investigadores;
- 31) Jogos de computador;
- 32) Lesão cerebral adquirida;
- 33) Linguagem;
- 34) Marginalizados;
- 35) Mediação;
- 36) Mediadores culturais;
- 37) Memória;
- 38) Metacognição;
- 39) Metas conjuntas e negociadas;
- 40) Metodologia SARAH;
- 41) Motivação;
- 42) Mudanças na sociedade;
- 43) Mudanças/adolescência;
- 44) Multiculturalismo e educação;
- 45) Mundo da brincadeira;
- 46) Nativos digitais;
- 47) Neutralidade da rede;
- 48) Novas tecnologias;
- 49) Novos paradigmas;
- 50) Objetivo;
- 51) Objetivos do jogo;
- 52) Obstáculos na colaboração;
- 53) Par mais capaz;
- 54) Parcerias;
- 55) Periodicidade;
- 56) Planejamento;
- 57) Práticas comunicativas;
- 58) Psicologia histórico-cultural;
- 59) Reabilitação cognitiva;
- 60) Redução de custos;
- 61) Regras;
- 62) Relações em pares;
- 63) Relações/associações;
- 64) Resolução de problemas;
- 65) Resultados;
- 66) Rotinas;
- 67) Sentimento de pertencimento;
- 68) Sistema educacional/sistema de atividades;
- 69) Site;
- 70) Supervisão multidisciplinar;
- 71) Supervisão multidisciplinar/suporte;
- 72) Tecnologias;
- 73) Termo de compromisso;
- 74) Testagem/análise de dados;
- 75) Trabalho colaborativo;
- 76) Valorização profissional;
- 77) Vygotsky;
- 78) Zona de desenvolvimento proximal.

Apêndice III

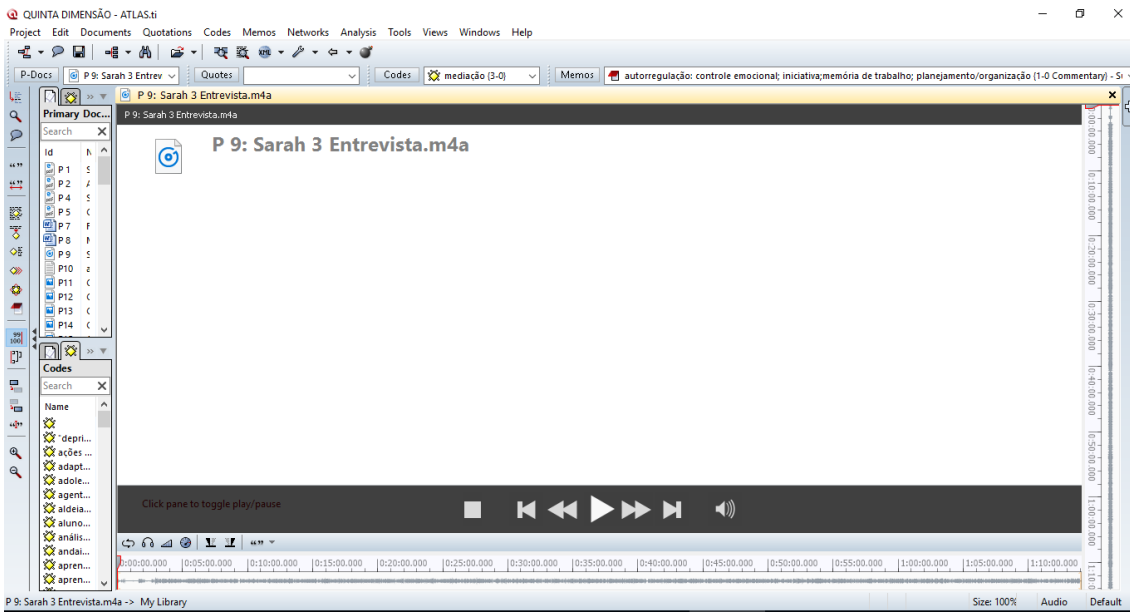
Capturas de tela da ferramenta Atlas.ti



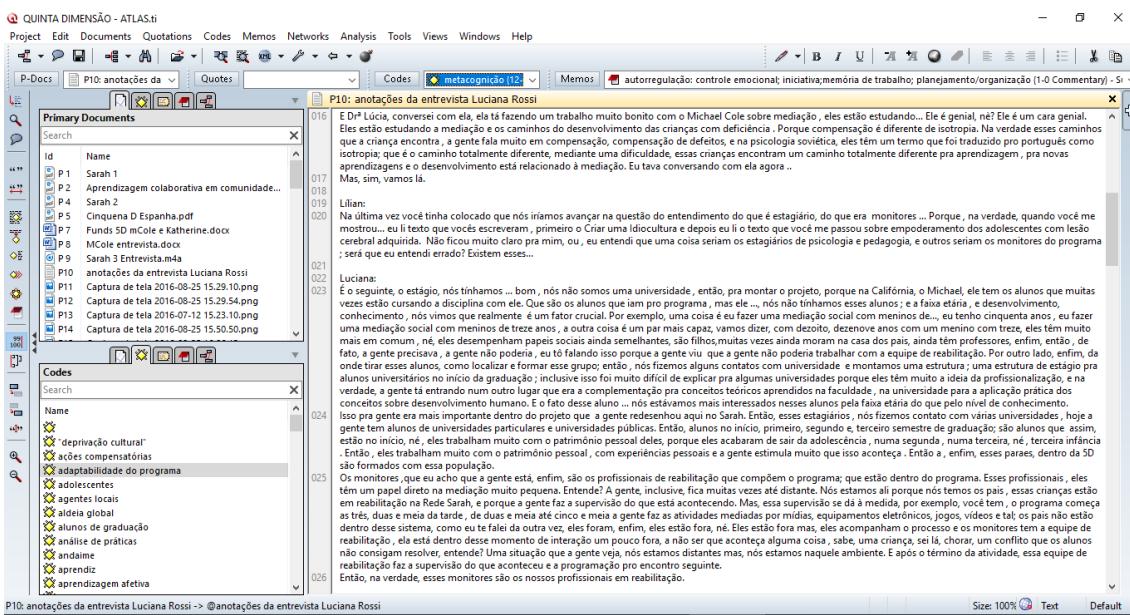
Caixa com relatório de códigos



Seleção de fragmento de texto codificado.



Áudio inserido na ferramenta de análise



Caixas com documentos primários, códigos e texto.